

---

## A caracterização do linguajar cearense na crônica de Tarcísio Matos<sup>1</sup>

Ivig de Freitas SANTOS<sup>2</sup>  
Maria Érica de Oliveira LIMA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente artigo aborda a representação do linguajar característico do povo cearense como marca da crônica quinzenal de Tarcísio Matos para o Vida&Arte, caderno de cultura e entretenimento do Jornal O Povo, periódico de Fortaleza. A partir deste objeto de estudo, procurou-se desenvolver uma abordagem sobre a construção da noção de cearensidade e do modo como essa representação atribuída ao cearense é expressa por meio da linguagem adotada na crônica. Observamos na dicotomia entre linguagem popular e meios de comunicação um processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados ao folclore e à cultura popular, denominado folkcomunicação. O percurso teórico-metodológico também toma por base as noções de identidade e pertencimento propostas por Stuart Hall. Procuramos exemplificar com a análise de uma das crônicas que reúnem a expressão da linguagem popular para apresentar problemas observados pelo personagem sobre questões relacionadas a fatos da vida cotidiana ou da atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** folkcomunicação; crônica; identidade; cultura popular

### 1 Introdução

As experiências de interação entre a cultura popular e a mídia de massa, caracterizadas pela folkcomunicação, adquirem cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a comunicação e os grupos ditos marginalizados. O presente trabalho toma como ponto de partida a ideia de “cearensidade” como um conjunto de características que o senso comum atribui como marcas peculiares do cearense que estão vinculadas a uma mitologia de personagens, paisagens e costumes. No objeto de estudo em análise, a crônica quinzenal do jornalista cearense Tarcísio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 - Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. e-mail: [ivigfsantos@gmail.com](mailto:ivigfsantos@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. e-mail: [merical@uol.com.br](mailto:merical@uol.com.br)

---

Matos, observa-se uma tentativa de reforçar a imagem do “ser cearense”, ou “ser nordestino” por meio de um modo peculiar de falar, o “cearensês”.

Desse modo, o trabalho percorre o desenvolvimento do cearensês como aspecto constituinte da identidade local, além de se debruçar sobre as peculiaridades da prosódia da fala cearense como elemento presente nos textos de Tarcísio. Por este caminho teórico-metodológico, surgem os pontos principais que foram observados neste trabalho: a cultura cearense através de seu linguajar característico e suas relações com texto literário, que tem na coluna de Tarcísio publicada em um jornal local seu espaço de difusão desses conteúdos.

Esta pesquisa procurou identificar as origens do estudo de Tarcísio em em torno desta variação linguística, observando sua relação com o universo da cultura popular cearense e como esta relação ajudou na construção das narrativas da crônica. Para tanto, foi definida uma metodologia que parte da pesquisa bibliográfica, entrevista com Tarcísio Matos, seguida da análise de conteúdo da crônica “Grávida de cinco meses, pelos ouvidos” e da crônica intitulada “Uma bodega chamada mercearia”. Posteriormente, será feita a análise dos dados coletados de acordo com os marcos teóricos previamente estabelecidos.

## **2 Cearensidade**

O cearense, “cuja presença sempre se assinala por uma modalidade própria de ser, de falar, de agir e de afirmar-se” (BARROSO,1998, p.2), tem sido objeto de investigação de muitos autores que buscam traçar um panorama acerca da cearensidade (BARROSO, 1998) como marca da identidade cultural do Estado. Recuperada de formas diversas, essa expressão remete não apenas à identidade do cearense, mas a todo um conjunto linguístico, cultural e territorial, “como um conjunto de sinais, gestos e traços de culturas” (BARROSO, 1998, p.1) que se agregam a este povo por meio de sua formação étnica.

A história das etnias cearenses, para Barroso (1998, p.56), está imbricada à resposta dos povoadores ao desafio da ambiência telúrico-social, e os traços de cultura que daí se originam se confundem com essas cicatrizes. Gilmar de Carvalho (2003), que

---

também se propõe a analisar este mesmo conceito a partir de um prisma étnico, assinala que a construção desta cearensidade desponta de uma “miscigenação romântica” entre colonizadores e índios que aqui habitavam.

Uma certa historiografia e literatura têm tratado essa cearensidade pelo prisma que a mostra como positiva – tendo como paradigma a miscigenação romântica entre o colonizador português católico e a população autóctone – e seu contraponto negativo, o negro. A consequência disso é uma certa africanofobia paradigmática. (CARVALHO, 2003, p.13)

Tornar à questão étnica, para Carvalho (2003, p.17), é um movimento necessário, uma vez que a cearensidade consiste em reforçar as características que o senso comum alinhou como peculiares à gente da terra, em uma operação ideológica de esvaziamento de elementos contraditórios e de “construção de uma mitologia, onde personagens, paisagens, costume e produção cultural teceriam uma trama que simularia um Ceará elaborado a partir destes valores” (CARVALHO, 2003, p.18).

A noção de cearensidade, como esclarece Carvalho (2003), aparece diversas vezes ligada à idéia do humor, traço comumente utilizado para designar uma irreverência própria do ser cearense — sendo este histórica e socialmente construído. A idéia de um “Ceará moleque”, nesse sentido, vem sendo construída simbolicamente desde os fins do século XIX — por meio de narrativas literárias, relatos memorialísticos, revistas ou jornais que passaram a compor imaginário e memória coletivos.

Na obra “O Cajueiro do Fagundes”, do escritor cearense Araripe Júnior, por exemplo, aparece um dos primeiros registros escritos da apropriação do termo “Ceará Moleque” para designar uma identidade local marcada pela gaiatice, irreverência e molecagem. Esse movimento de identificação se assemelha à construção de uma “narrativa do eu” proposta por Hall (1990), para quem a cultura é composta não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações (HALL, 1992, p.50).

Esta narrativa, ainda no âmbito dos estudos culturais ingleses, é um fator que orienta não apenas as ações individuais, mas também a concepção que uma sociedade

---

tem de si mesma, produzindo sentidos que acabam por construir identidades carregadas destes símbolos e representações. Esse sistema de representação cultural se aproxima do conceito de identidade proposto por HALL (1992), para quem

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentido - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 1992, p. 49)

Deste modo é que, ao longo do tempo, expressões como “veia nata para o humor” e “gaiatice cearense” passaram a ser utilizados como meios de inserção do sujeito cearense em uma “comunidade imaginada” (Hall 1992, p.51), cujo discurso busca descrevê-lo a partir de singularidades de seu comportamento.

Assim, consciente dos encadeamentos culturais e sociopolíticos que envolvem o ato de representar e de ser representado, o presente artigo reflete acerca do movimento de construção de ideias e imagens sobre o Ceará que compõem a crônica de Tarcísio Matos, cuja expressão se debruça sobre a ideia de uma identidade cearense. Na análise deste objeto de estudo, o conceito de cearensidade é explorado a partir do uso recorrente das variações linguísticas locais, que consistem em um dos elementos causadores do efeito de humor na crônica de Tarcísio, que é jornalista e pesquisador de cultura popular.

### **3 O cearensês: a identidade atravessa a linguagem**

Para avançar nas reflexões acerca das representações em torno do Ceará, convém destacar a região do Brasil onde o Estado se localiza: o Nordeste. Esta região nem sempre esteve vinculada às representações ou narrativas que consideramos hoje, mas teve seus conceitos produzidos ao longo de muitas décadas, como aponta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Este espaço, com suas dimensões sociais e afetivas, foi construído a partir de diferentes discursos que lhe atribuíram

---

determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos, sejam morais, culturais, simbólicos etc. O Nordeste, para o referido autor,

“é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados com características do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas ad nauseum” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 343).

Ou seja, a região não simplesmente surgiu com uma representação definida, mas foi construída em diversas temporalidades e espacialidades, “cujos mais variados elementos culturais, desde eruditos a populares, foram domados por meio das categorias da identidade: como memória, caráter, alma, espírito, essência” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 343). O Nordeste, como teoriza o autor, é uma invenção recente na história do País, movimento que não pode ser compreendido fora desta historicidade.

Como observa Carvalho (2003), a dimensão territorial brasileira e suas relações socioeconômicas contribuem para o desenvolvimento de diferentes manifestações de oralidade no país. No Nordeste do Brasil, por exemplo, é possível constatar significativas variações nas formas de expressão da língua vernácula, fator influenciado pelas sub-regiões a que pertencem e também pelos níveis socioculturais de seus falantes, sobretudo.

Côncios dessas variações, Berger e Luckmann (1985, p.61) assinalam que “a linguagem é capaz não somente de construir símbolos altamente abstraídos da experiência diária mas também de ‘fazer retornar’ esses símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana”. Assim, o “linguajar cearense”, traço do cotidiano local, converteu-se em um símbolo de humor e identificação no rol das representações do cearense. Isto explica, por exemplo, como os termos “cearensês” e “cearês” passaram a ser imediatamente associados ao que Carvalho (2003) descreve como uma aproximação entre um jeito de ser cearense e um jeito de falar cearense.

Tal pressuposto é também reforçado pelas imagens do ser e do falar cearenses presentes nos dicionários que se propõem a explicar verbetes do “cearensês”, um conjunto de variações linguísticas típicas no Estado. Em 1967, o historiador Raimundo

---

Girão lançou o seu “Vocabulário Popular Cearense”. Desde então, diversos dicionários têm sido produzidos a partir do esforço de documentar e catalogar a fala cearense, representada como uma maneira simples, engraçada, criativa, debochada de expressão local.

Um desses dicionários é o “Orélio cearense”, que não só admite a existência de um dialeto marcante, mas também aponta que há nele fatores como resistência, criatividade e molecagem (SARAIVA, 2001), o que reforça a ideia de que a inversão de regras e a criação de novos léxicos é associada a um fator determinante para a irreverência. Para CARVALHO (2003, p.291), este “cearense que emerge dos dicionários [...] é uma pluralidade de vozes e de sentidos que procura significar o mundo, mas, ao mesmo tempo, significar-se, configurando imagens determinadas por uma série de relações sócio-históricas, textuais e discursivas”.

Essa ideia de um cearense que vive construindo discursos sobre si e sobre o mundo por meio de um dialeto próprio é uma das razões que endossa a construção da irreverência cearense a partir do léxico. A difusão da ideia de que o Ceará possui uma forma própria de expressar-se por meio da língua, portanto, constitui-se como aspecto de afirmação da identidade local. Essa identidade, a propósito, é atravessada pela linguagem, uma vez que a identificação, para Hall (2011), se constitui como uma prática de significação submetida ao jogo da linguagem, considerando que o sujeito, histórica e sociologicamente situado, é uma figura discursiva.

A partir deste ponto de vista, os processos de formações identitárias são compreendidos como construções discursivas, oriundos da diferença e da relação com o outro. Percebe-se, então, de acordo com Hall (2009), o encontro entre os discursos que tentam nos interpelar e os processos que produzem subjetividades. É possível visualizar, assim, o encontro entre língua e identidade. Isso porque, para o referido autor, as questões identitárias não podem adquirir sentido fora de seus sistemas de significação, dentro dos quais a língua se insere.

As discussões sobre identidade, no campo dos Estudos Culturais, a trazem como uma construção do sujeito a partir de uma interação social mediada pelas práticas linguísticas, sociais e culturais. Como consequência, essa relação estabelecida entre a

---

fala e um “modo de ser” atribuído ao cearense um dialeto próprio, também demarcado por uma dimensão folclórica que se revela diante de uma fala marcada pela “mangação” e “automangação” — características que frequentemente coincidem com a própria definição do “ser cearense”. Berger e Luckmann (1985, p. 58) destacam a relevância da linguagem no processo de construção da realidade, uma vez que ela cria “pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido”.

Como explica Carvalho (2003, p. 286), “a configuração da linguagem característica de um local se dá a partir da “dialetoлогия e a geografia linguística com a sociolinguística, contemplando aspectos fonético-fonológico, morfossintático e léxico”. Castro (2006), no artigo intitulado “Língua e Identidade”, também esclarece que “a língua que falamos denuncia nosso ser tanto melhor quanto qualquer outra manifestação de nosso espírito. Pois somos a língua que falamos” (CASTRO, 2006, p.165).

Além das palavras, suas origens e significados, outra marca do cearensês e das crônicas de Tarcísio Matos, objeto deste estudo, é a forma como os personagens e o próprio narrador dos textos pronunciam algumas palavras ou expressões cotidianas, isto é, representam o dialeto atribuído a elas. O pesquisador Florival Seraine cita que tais alterações “prosódicas dos fonemas” (SERAINE, 1950, p.5) se relacionam à influência do tupi, língua indígena falada por algumas tribos de que habitavam o estado, e posteriormente por alguns colonizadores.

Devemos, porém, frisar que se a contribuição tupi foi a mais considerável naquilo que houve permanecido em nossa linguagem de raiz aborígine, outros idiomas indígenas devem ter exercido alguma actuação sobre o português que falamos pois o Ceará foi abrigo de avultado número de membros das famílias tapuia e cariri. (SERAINE, 1950, p. 5)

Florival Seraine dedicou-se, durante muitos anos, ao estudo da língua e da cultura nordestinas, com destaque para a cearense. Seus trabalhos percorrem o estudo dos aspectos fonético-fonológicos e léxico da língua, regionalismos e arcaísmos, além das várias manifestações artístico-culturais do povo local. O pesquisador, por exemplo, identificou a monotongação de alguns ditongos como “ai”, “ei”, e “ou”, fazendo

---

palavras como “baixa”, “cheia” e “couro” se converteram, na expressão oral, em “baxa”, “chêa” e “côro”, respectivamente, como marcas da prosódia cearense (ARAGÃO, 2005, p. 6).

Ainda sobre este fenômeno fonético, Seraine (1950, p.12) cita a “pronúncia brevíssima ou elisão de consoantes finais” em que algumas palavras recebem a seguinte pronúncia: fazemos (fazemo), demos (demo), viagem (viage) e etc. Ao reiterar a presença das línguas de origem indígena na formação do cearensês, Seraine também apresenta o que intitulou “vocalização do grupo “lh” em “i”. A partir desta variação, observa-se as seguintes conversões: mulher (muié), filho (fio), espelho (espêio) e etc.

Essa forma particular de pronúncia da língua se aproxima da que Tarcísio Matos, escritor da crônica quinzenal do Vida&Arte, usa para descrever as falas dos personagens que compõem seus textos. Ele transcreve, oportunamente, algumas palavras exatamente como são pronunciadas, a exemplo de “lascado”, “caba véi” e “minha fia”, termos recolhidos da crônica intitulada “Uma bodega chamada mercearia”.

Dia seguinte, Solano lascado de ressaca. Mas, o bravo parceiro da pôde lava o rosto e vexado ganha a lapa do mundo. E já se vê o homem descer a calçada da rua em direção ao bar mais próximo. Coincidentemente, a tal jovem indecisa da noite anterior vem em sentido contrário ao dele, na mesma calçada. Os dois se encontram e ela desembucha:

- Solano, eu decidi!

O caba véi, olhando pra cara dela, sem a maquiagem de ontem, dispara:

- Pois eu desisti, minha fia!

(MATOS, 2019)

Os personagens que aparecem na crônica de Tarcísio buscam expor essa linguagem regional, além de outros aspectos culturais específicos do Ceará. Seja fazendo piada com a falta de dinheiro, ou ao explorar a “gaiatice” e a capacidade de soltar uma vaia como forma de externar descontentamento com situações de dificuldade, a coluna em análise neste estudo evoca uma forma de fazer humor típica de um cearense que busca encontrar graça nos próprios infortúnios. Para isso, o seu autor opta na maioria dos textos por retratar diálogos cotidianos ou situações cômicas e utiliza a linguagem local como canal para a criação dos efeitos de humor na narrativa.



---

#### 4 A crônica e a valorização do cearensês

Jornalista, compositor, produtor e pesquisador de cultura popular, Tarcísio Matos é colunista do O POVO há 30 anos. Em sua crônica quinzenal, ele busca descrever e retratar, de forma bem-humorada, a irreverência e a cultura do povo cearense. Não somente a maneira de falar do Ceará é destacada por Tarcísio, mas também os costumes e elementos culturais da população local que evocam aspectos do cotidiano.

Há 42 anos, tive contato com o interior do Estado, viajei pelos Inhamuns, Centro-Sul, Cariri e Região Norte e pelo Centro do Estado. Foi então que me encantei com a rítmica da fala cearense a forma “equivocada” de ouvir uma palavra e devolver de outra forma... “Entretido” volta como “intirtido”, “Nabuco” se transforma em “nambuco”. Esse encantamento com a forma de falar foi para os meus textos, as músicas que compus em parceria com Falcão. Nessa perspectiva, exploro diversos vários aspectos, dentre eles a espiritualidade, a religiosidade, a fala e o comportamento. (Entrevista com Tarcísio Matos em 21 de março de 2019)

De acordo com a classificação de Marques de Melo (2003, p. 149), a crônica é formato do gênero opinativo, embora tenha como característica “a feição de relato poético do real”. A partir do seu olhar de subjetividade lançado sobre a realidade, Tarcísio se propõe a apontar a irreverência de alguns episódios do cotidiano cearense - desde piadas, causos, personagens da cultura do Ceará e outros aspectos típicos do cotidiano de quem nasceu no Estado. Por meio dos textos, ele utiliza personagens reais ou fictícios nos quais são projetadas situações cotidianas dos cearenses. Como relata Tarcísio (2019), a maior parte das histórias com as quais se esbarra no dia a dia acabam por compor o conteúdo de sua coluna, publicada quinzenalmente às sextas no Vida&Arte, caderno de cultura do Jornal O POVO, de Fortaleza.

Em regra, eu falo daquilo que vivencio, porque eu vivencio essa linguagem, essa fala, lido muito com as pessoas. Ando muito pela cidade de ônibus, tenho um ouvido atento. Por isso, a maioria das histórias que trago para a crônica são verídicas, que vivenciei ou me contaram. Alguns personagens eu preciso mudar nome de personagens para evitar problemas. Mudo o nome das pessoas, dos lugares, ele esbarra na realidade, muitos eu crio, em cima de histórias que já vivenciei ou me contaram. Geralmente eu falo muito da forma diferente

---

das pessoas verem e fazerem humor no Ceará. (MATOS, entrevista em 21 de março de 2019)

Por meio da leitura de suas crônicas, torna-se evidente que o aspecto da cultura local mais evidenciado no seu texto é a linguagem. A escrita das palavras na sua crônica, elemento que busca retratar as particularidades da fala local, as apresenta no texto do mesmo modo como comumente são pronunciadas na fala cotidiana, e é mais um elemento que reforça o papel da sua crônica como um canal de representação da cultura popular cearense dentro da comunicação de massa.

Tais interações entre a comunicação de massa e comunicação popular, de acordo com Beltrão (1980), são definidas como um “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p.24). A noção de cultura desenvolvida por Beltrão, nesse sentido, parte das manifestações populares, elementos analisados a partir de sua dinamicidade própria, e diz respeito aos diferentes modos através dos quais estes grupos sociais tidos como marginalizados se relacionam e produzem a cultura.

Partindo dos elementos fundantes dos conceitos de Beltrão (1980) para a Folkcomunicação, teoria por ele proposta, se observa na atuação de Tarcísio Matos como cronista o que Trigueiro (2013) caracteriza como um ativista de sistemas folkcomunicacionais, alguém “que opera intensamente como protagonista encadeador de temáticas culturais, políticas e econômicas no interior dos seus grupos sociais ou comunitários, corroborando Luiz Beltrão (1965) em seu artigo “O ex-voto como veículo jornalístico”. (TRIGUEIRO, 2013 p. 854).

Passamos a descrever a crônica de Tarcísio Matos e sua forma de expressão para que compreendamos as relações estabelecidas com a necessidade de se criar uma “voz” de expressão popular no contexto do jornalismo impresso e sua atuação como líder de opinião dentro da mídia de massa.

A partir destas formas pelas quais o povo se comunica, são formulados processos de interação por meio da troca de ideias e experiências, informações, com a utilização de linguagens verbais e não verbais, canais naturais e artificiais, processo que

desemboca na elaboração e difusão de mensagens e participação e integração social pela comunicação. Tomando como ponto de partida o sistema de comunicação popular como o conjunto de agentes, meios, métodos e técnicas de que se valem os grupos marginalizados da sociedade (BELTRÃO, 2004), Tarcísio, enquanto agente comunicacional, transita nas esferas informais da produção cultural popular e nas esferas institucionais, conectando as suas experiências pessoais como cearense e as cenas que colhe do cotidiano, sobressaindo, contudo, sua posição de agente estratégico inserido no contexto da sua localidade.

Para Joseph Luyten (1988), há quatro formas a partir das quais a comunicação popular se manifesta: oral, escrita, gestual e plástica. Em nosso estudo, investigamos a relação entre a oralidade cearense e a escrita da crônica de Tarcísio Matos, que recupera por meio de anedotas, provérbios e expressões populares a identidade cearense na escrita de seu texto. Uma vez que sua coluna, ao apropriar-se do linguajar popular, e também pelo próprio contexto de vida de seu autor, encontra-se no campo da comunicação popular, escolhemos um de seus textos para a análise, intitulado “Grávida de cinco meses. Pelos ouvidos”, publicada em dezembro de 2018.

Uma buchudinha falava e logo a senhora, espanando um móvel, varrendo um canto de salão, dizia algo em complemento, revelando-se conhecedora profunda dessas coisas de dar à luz. Impressionantes instruções. Também, com aquela idade - 65 anos! Dicas primorosas. Exemplo: o que fazer pra o menino parar de soluçar, dona Bituca?

- Pegar um 'moizim' de linha encarnada, molhar de cuspe, e colocar na testa dele.
- E mau olhado? - indagava a mais novinha entre as mãezinhas.
- Rezar na cabeça do cristão, fazendo cruz com ramo de arruda: "Com dois te botaram, com três eu te tiro / Quebrante e mau-olhado / Vai-te pras ondas do mar sagrado / Olhos amaldiçoados..." (MATOS, 2018)

A narrativa tem início em uma reunião de cinco mulheres gestantes que trocam ideias e partilham experiências acerca de cuidado com os filhos. “Dona Bituca”, a personagem apresentada logo no primeiro parágrafo, fazia a limpeza do local onde se dava a reunião e, com frequência, interrompia o diálogo entre as amigas para complementar com alguns de seus conhecimentos acerca do assunto em questão.

---

Esta senhora de 65 anos passa então a oferecer uma série de dicas, com base em crenças populares, destinadas ao cuidado dos bebês, enquanto é interpelada por cada uma das mães curiosas. “Como “fechar a moleira” do bebê, como fazer a criança parar de soluçar e como tirar o mau olhado são algumas das perguntas das mães em cena, que são respondidas com expressões como “pegar um moizim de linha encarnada” e “passar o pires no cocoruto do quengo”. Ademais, neste mesmo parágrafo do texto, começam a ser apontadas crenças e práticas culturais que configuram a identidade cearense a partir da religiosidade.

No tocante ao aspecto linguístico propriamente dito, existem alguns vocábulos que marcam a oralidade e identidade cearense e identificam o nordestino, visto que são marcas usadas especialmente por pessoas desta região, como é o caso de “buchudinha”, “moizim”, “cuspe”, “cocoruto”, “quengo”, “horror de coisas” e “de vera, vogando”. Constatou-se que essas expressões aparecem de forma distribuída em meio aos diálogos e à voz do narrador-cronista.

- Passar o fundo dum pires no cocuruto do quengo, três vezes, no sentido horário...

De onde tanta categoria? Como sabia esse horror de coisas sobre ser mãe, gravidez, cuidados com o nascituro? A pergunta que não calava. E Biluca, que nunca fora mãe de mesmo, de vera, vogando, responde na maior pureza:

- De tanto mãe dizer que eu emprenhava pelos ouvidos, quando era moça, devo ter sido mãe de uma duzentos e pouco... (MATOS, 2018)

Com enfoque nesta mesma temática, a linguagem, algumas gírias e expressões regionais também podem ser observadas na crônica “Uma bodega chamada mercearia”, que apresenta duas narrativas distintas. A primeira dela fala do personagem Solano, que conhece uma moça em uma festa de um colégio local. Ele dá início a uma paquera, então mal sucedida, e é surpreendido no dia seguinte ao encontrar a moça do dia anterior, que chega com uma resposta para a investida amorosa de Solano.

- Ô, Solano! Tu tá é bebo, macho! Nesse estado, não dá pra decidir. Vou pensar mais e amanhã te respondo.

[...]

---

Coincidentemente, a tal jovem indecisa da noite anterior vem em sentido contrário ao dele, na mesma calçada. Os dois se encontram e ela desembucha:

- Solano, eu decidi!

O caba véi, olhando pra cara dela, sem a maquiagem de ontem, dispara:

- Pois eu desisti, minha fia! (MATOS, 2019)

Neste trecho, chamam atenção as expressões “bebo”, uma variante local para a palavra “bêbado”, “caba véi”, variante para “cabra velho” e “minha fia”, que corresponde à “minha filha”. Os trechos analisados reforçam a idéia de que os dialetos de cada região fazem parte de um processo de pertencimento local, e contribuem com o aspecto folkcomunicação da crônica de Tarcísio. Os personagens de seus textos, na maioria cearenses, se reconhecem nesta fala e, por fim, nesta representação cultural evocada nas crônicas. Por meio dos signos que expressam esta cultura, a construção dessa identidade cearense dentro do objeto analisado é atravessada pela linguagem, elemento diretamente imbricado aos processos de identificação.

### **Considerações finais**

A folkcomunicação, ao se basear na cultura e na comunicação popular, permite aprofundar o debate sobre a mídia e suas interações com a cultura popular, possibilitando reflexões centradas na relação entre a comunicação de massa e as manifestações que configuram a identidade dos grupos e comunidades.

É importante reconhecer, nesse sentido, a influência exercida pela crônica de Tarcísio Matos na disseminação da cultura cearense e de uma identidade local. Ao longo deste estudo, foram considerados alguns pontos importantes para a construção das narrativas do autor, tais como o humor, a variação linguística - representado pela escrita semelhante ao modo de falar e de se expressar do cearense - além das gírias e expressões regionais que aparecem no decorrer das crônicas.

Ao considerar que a identidade é uma construção histórica e social, a pesquisa se buscou entender como essa cultura local vem sendo difundida na mídia impressa por meio do texto de Tarcísio, aqui visto como agente e ativista de sistemas folkcomunicação. Desse modo, procurou-se observar como Tarcísio tem retratado a

---

forma do cearense falar, seus costumes, e feito humor por meio desses elementos recuperando e trazendo à tona alguns questionamentos que envolvem o objeto de pesquisa, tanto de um ponto de vista social quanto linguístico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz De. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROSO, Parsifal. **O cearense**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2017.

CARVALHO, G. de. **Bonito para chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. 1. ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MATOS, Tarcísio. **Entrevista concedida a Ivig de Freitas Santos**. Fortaleza, 21 mar. 2019.

MATOS, Tarcísio. Grávida de cinco meses. Pelos ouvidos! **Jornal O Povo**, Fortaleza, 28 de dez de 2018. Disponível em:  
<https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/tarcisiomatos/2018/12/gravida-de-cinco-meses-pelos-ouvidos.html> Acesso em: 16 de abr de 2019

MATOS, Tarcísio. Uma bodega chamada mercearia. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 08 de mar de 2019. Disponível em:  
[https://www.opovo.com.br/jornal/vida\\_e\\_arte/2019/03/40216-uma-bodega-chamada-mercearia.html](https://www.opovo.com.br/jornal/vida_e_arte/2019/03/40216-uma-bodega-chamada-mercearia.html) Acesso em 16 de abr de 2019

SERAINÉ, F. **Contribuição ao estudo da formação de palavras na linguagem popular cearense**. Revista do Instituto do Ceará, v. 71, p. 5 – 29, Fortaleza: Ed. Própria, 1957.

SERAINÉ, F. **Contribuição ao estudo da influência indígena no linguajar cearense**, v. 64, p.5 – 16, Fortaleza: Ed. Própria, 1950

SILVA NETO, F. S. da. **O “Ceará moleque” sobe aos palcos: cearensidade e os shows**

---

**humorísticos de Fortaleza.** Disponível

em:<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9175/5469>>.

Acesso em

TRIGUEIRO, O. M. **Folk-Ativismo.** In: José Marques de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira.* São Paulo: Editae Cultural, 2013.